

O SOBRENOME “PESSOA” NA ESPACIALIDADE URBANA: UMA HISTÓRIA DA CIDADE DE UMBUZEIRO-PB ATRAVÉS DOS NOMES DE SUAS RUAS, PRAÇAS, PRÉDIOS E MONUMENTOS

Tatiane Vieira da Silva¹

Artigo recebido em: 27/09/2017.

Artigo aceito em: 09/10/2017.

RESUMO:

Este texto é uma reflexão acerca da toponímia urbana da cidade paraibana de Umbuzeiro cuja espacialidade é marcada pelo sobrenome “Pessoa”. Alguns personagens dessa família, que tem seu berço nesta urbe, nomearam diversos espaços citadinos: ruas, avenidas, praças, escolas, prédios públicos e foram esculpidos em bustos. Para além de serem homenagens póstumas, essa prática se tornou recorrente ao longo de um século e transformou a paisagem urbana umbuzeirense num espaço de memória em prol desses filhos ilustres. Tal espacialidade carece de uma problematização onde seja possível entender as especificidades de cada nomeação em seu contexto histórico, os interesses políticos em perpetuar uma determinada história “oficial”, bem como as experiências daqueles que convivem nestes espaços.

PALAVRAS-CHAVE:

Umbuzeiro – Espacialidades – Memória – Filhos ilustres.

ABSTRACT:

This text is a reflection on the urban toponymy of the city of Umbuzeiro, which has its spatiality marked by the surname "Pessoa". Some of the characters of this family, who have their crib in this city, named the most diverse city spaces: streets, avenues, squares, schools, public buildings and were carved in busts. In addition to being posthumous honors, this practice became recurrent over a century and transformed

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco, linha de Pesquisa Cultura e Memória. CV: <http://lattes.cnpq.br/4454428218686680>

the urban landscape into spaces of memory for the benefit of its illustrious children. Thus, such spatiality needs a problematization where it is possible to understand the specificities of each named in its historical context, the political interests in perpetuating a certain "official" history, as well as the experiences of those who live in these spaces.

KEYWORDS:

Umbuzeiro – Spatialities – Memory – Illustrious sons.

* * *

1. A Umbuzeiro dos filhos ilustres

Essa cidade que não se elimina da cabeça é como uma armadura ou um retículo em cujos espaços cada um pode colocar as coisas que deseja recordar: nomes de homens ilustres, virtudes, números [...].
Italo Calvino

A Umbuzeiro² por nós estudada se parece muito com a cidade de Zora, narrada por Italo Calvino em sua obra *Cidades invisíveis*. Pois seus espaços são permeados pelos nomes dos filhos ilustres e, portanto, ela mostra através dos símbolos que contém uma espécie de mapa mental, em que cada ponto específico desse espaço, “entre cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidades ou de contrastes que sirva de evocação à memória” (CALVINO, 1990, p. 19-20).

Andar pelas ruas de Umbuzeiro é um exercício de aprendizagem e de experiências acerca de vários aspectos de sua história, principalmente sobre os nomes de alguns personagens importantes que fizeram parte da história local, paraibana e nacional. Mesmo num breve passeio é possível constatar que estas personalidades possuem um elemento em comum: o sobrenome “Pessoa”. Assim, alguns de seus renomados membros emprestaram seus nomes a uma relevante parcela da toponímia cidadina, distribuída nos mais diversos espaços da cidade por meio do nome de ruas,

² Umbuzeiro está localizada no Agreste paraibano. Sua área territorial é de 186,554 Km² e segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população estimada em 2017 é 9.913 habitantes.

avenidas, praças, escolas e dos principais prédios públicos, transformando-o num elemento singular da paisagem urbana umbuzeirense.

Para Michel de Certeau, as “caminhadas pela cidade” são permeadas pela enunciação do pedestre e sua apreensão de nomes, símbolos e sentidos. Os passos “moldam os espaços” e “tecem os lugares” pois, caminhar é um “processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre”. Nesse sentido, ao caminhar por Umbuzeiro, o pedestre se depara constantemente com nomes e símbolos representativos de uma cidade que se mostra como um monumento aos seus filhos ilustres. Esta caminhada é sempre dotada de sentidos onde “os nomes próprios cavam reservas de significações” (CERTEAU, 2013, p. 163-164 e 171), gerando uma espacialidade urbana simbólica e orientada pelos nomes destes personagens.

Esta especificidade umbuzeirense exige uma problematização, na medida que nos interessa inquirir sobre a criação e a nomeação desses espaços. Os quais, não foram batizados com tais nomes de forma aleatória. Muito pelo contrário, eles têm uma razão de ser e carecem de uma análise historiográfica. Portanto, esta prática se insere no contexto nacional onde, no final do século XIX o Brasil vivenciou um processo de construção mental e intelectual em que se buscava, por meio de variados símbolos (tais como imagens, monumentos, estátuas, hinos e bandeiras), incutir o projeto republicano e sua ideologia no país. Para José Murilo de Carvalho (1990) esta era uma forma de alcançar o imaginário popular.

Diante disso, é preciso refletir um pouco sobre os possíveis motivos que levaram ao desencadeamento da prática de nomear a toponímia urbana com o sobrenome da família Pessoa, cujo berço é a cidade de Umbuzeiro. Assim, deparamo-nos com alguns indícios de quando Eptácio Pessoa dá os primeiros passos na construção de sua carreira política. Segundo Linda Lewin (1993), o poder familiar teve um papel essencial na organização da oligarquia paraibana durante o período da República Velha (1889 - 1930) e Eptácio Pessoa soube aproveitar muito bem isso. As redes de base familiar ofereciam as conexões políticas em vários níveis e Pessoa se beneficiou dessas redes transitando por vários cargos importantes até chegar à presidência da República.

Nessa constatação, ficou evidente a importância de Umbuzeiro enquanto reduto dos Pessoa, local em que esta genealogia teve sua origem, onde se desenvolveu formando laços de parentesco e consolidou-se politicamente ao longo dos anos. Mas também, foi o espaço em que este poder político se transmutou simbolicamente sob variadas formas, transformando-se em elemento representativo e indispensável na atuação e poderio da família no município, na Paraíba e até mesmo no Brasil. Daí a nossa preocupação em lançar uma reflexão acerca da criação dos “lugares de memória” (NORA, 1993) que tornam o sobrenome “Pessoa” uma presença constante nos espaços de Umbuzeiro.

Tomando por base as aspirações da política oligárquica empreendida por Eptácio Pessoa e a atuação da família no cenário político paraibano, podemos inferir que o batismo dos logradouros públicos de Umbuzeiro com o sobrenome dos Pessoa, a construção de monumentos em praça pública, trata-se de um desdobramento desses interesses políticos que consagram em si objetivos que não eram tão nítidos na época em que foram concebidos, mas que, neste artigo, são passíveis de análise.

Contudo, Sales Neto (2013, p. 140) aponta que “homenagear personalidades do passado e, na maioria das vezes, do presente é a lógica da composição da toponímia urbana no Brasil”. Esta prática, longe de ser hábito desta ou daquela localidade, se tornou algo recorrente e pode ser identificada em várias cidades. Embora seja global, o historiador não pode conceber tal ato como algo comum e natural. Ao contrário, é exatamente o que parece “corriqueiro” num determinado espaço que merece ser analisado com maior atenção. Pois é necessário perceber seu entrelaçamento com as experiências locais, as especificidades de cada nomeação em seu contexto histórico, os interesses em perpetuar uma determinada história “oficial”, bem como as experiências daqueles que convivem nestes espaços.

Partimos do pressuposto de que a prática de nomear os espaços da cidade é uma atividade menos ingênua do que se costuma presumir. É nessa perspectiva que direcionamos a pesquisa nesse momento, objetivando desvendar as múltiplas implicações de uma atitude que muitas vezes se apresentava enquanto um tributo a um ente querido. Dessa forma, investigar a dinâmica do processo de criação dos

espaços urbanos que levam o sobrenome Pessoa, se faz necessário para percebermos a historicidade destes tributos, os motivos e as circunstâncias destas nomeações, bem como analisarmos as dimensões significativas de sua relação com a história.

Ao fazer um estudo sobre a *História da cidade de São Paulo através de suas ruas*, Antônio Rodrigues Porto (1996) assevera que esse hábito de nomeação também demonstra algumas limitações. Por exemplo, o critério para a escolha do personagem a ter seu nome no espaço citadino ser alterado com o passar dos anos. No caso das cidades centenárias como São Paulo, não é difícil identificar alguma rua que teve seu nome modificado por mais de uma vez. Igualmente, o tempo pode dissolver o significado das homenagens e transformá-las apenas em um referencial postal.

Também é comum que apenas uma pequena parcela da população reconheça ou saiba qual a importância do personagem que deu nome à rua onde mora. Muitas vezes, a placa da esquina serve apenas como indicação de endereço e com o decorrer do tempo, a tendência é que alguns destes homenageados caiam no esquecimento ou sejam substituídos por outros. Para que isto não aconteça, novos elementos poderão ser agregados como forma de reforçar o sentido que moveu a nomeação. São exemplos os processos de informação e educação, como o ensino de história e as festas cívicas (PINSKY, 1988; BITTENCOURT, 1988).

No caso de Umbuzeiro, por ser uma cidade de pequeno porte, nos parece que é mais fácil controlar os elementos que servem de âncora a estes espaços, ao contrário do que ocorre nos grandes centros urbanos. Pois nesta pequena urbe, há uma maior preocupação em atualizar constantemente a significação de suas nomeações, sobretudo se levarmos em consideração os diversos momentos em que tais designações ocorreram e a forma como se perpetuaram ao longo de um século.

Portanto, para evitar que o sentido que moveu a nomeação se perca, foi imprescindível o acompanhamento permanente de outros processos simbólicos incluindo hinos, bandeiras e monumentos que, aliados aos lugares de memória criados, formaram uma combinação perfeita de distintas formas de reprodução da memória dos Pessoa que insiste em se incorporar à vida cotidiana dos umbuzeirenses. Pois, em diferentes temporalidades, homens e mulheres desta genealogia

emprestaram seus nomes para designar determinados lugares da cidade e isso é bastante nítido atualmente. Embora muitas vezes os cidadãos não consigam identificar determinado personagem, sempre afirmam com veemência que é da família Pessoa.

Nesse sentido, a memória cidadina e a construção dos espaços de memória em prol dos filhos ilustres são elementos que favorecem a construção de uma identidade para esta urbe. Portanto, pretendemos problematizar essa relação entre a cidade e seus filhos renomados, analisando a emergência histórica dessa espacialidade que a transformou numa cidade monumentalizada; termo por nós convencionado devido à constatação de que a mesma agrega variados espaços de memória que remetem ao nome dos Pessoa/filhos ilustres.

Imagem 01 - Panorama da toponímia cidadina com os espaços batizados com o sobrenome “Pessoa”



Legenda: 1- Igreja Matriz de Nossa Senhora do Livramento; 2- Creche Terezinha Lins Pessoa; 3- Escola Estadual “Presidente João Pessoa”; 4- Grupo Escolar, praça e busto do Cel. Antônio Pessoa; 5- Biblioteca Municipal Presidente Epitácio Pessoa; 6- Praça e busto João Pessoa; 7- Escola “Maria Pessoa Cavalcanti”; 8- Praça e busto Carlos Pessoa Filho; 9- Posto de saúde “Sinhá Pessoa”; 10- Fórum Presidente Epitácio Pessoa; 11- Museu - casa de João Pessoa; 12- Avenida Dr. Carlos Pessoa; 13- Estação Experimental “João Pessoa” e busto de Epitácio Pessoa Sobrinho; 14- Rua Dr. Epitácio Pessoa; 15- Rodovia Terezinha Lins Pessoa.

O panorama apresentado nos permite visualizar a toponímia urbana batizada com o sobrenome desta família, bem como os bustos de alguns de seus membros. Igualmente vislumbramos que a mesma favoreceu a criação de espaços de memória, responsáveis por transformar os filhos ilustres em marcos espaciais e simbólicos na, e pela cidade. Por sua vez, estes lugares cristalizados intencionam se perpetuar e ser atemporais, desafiando as mudanças do tempo e fazendo parte do que atualmente é considerado patrimônio de Umbuzeiro.

Além disso, esse arsenal de nomes e imagens têm um significado muito forte e um duplo interesse. Em outras palavras, há um movimento recíproco em que os Pessoa se apropriam dos espaços citadinos buscando sua monumentalização espacial e prestígio, como também, há a apropriação desse sobrenome pela cidade. A qual, busca angariar algum tipo de importância histórica na Paraíba ou no Brasil, pelo motivo de ter servido de berço à personagens importantes e possuir marcos e espaços que a todo instante remetem às suas respectivas memórias.

Ao tomar para si a imagem de “berço dos filhos ilustres” ou “terra dos Pessoa”, Umbuzeiro congregou memórias em torno da constituição de sua identidade. Isso ocorre porque, nos termos de Pesavento (2008, p. 3), “todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória”, são “espaços dotados de significado” e de uma “carga simbólica que os diferencia e identifica”. Destarte, no tocante ao surgimento e sedimentação de um imaginário local em que a cidade ganha forma e cor a partir de seus vultos, há que se pensar na articulação desse conjunto de elementos que explica, convence, combina um sentimento de pertença, e resulta na formação de uma identidade cidadina.

Concebida enquanto elemento que une indivíduos em prol de um elemento em comum, Pesavento (2008, p. 4) pontua que, “as identidades são fabricadas,

inventadas, o que não quer dizer que sejam, necessariamente, falsas”. Enquanto “sensação de pertencimento, são elaborações imaginárias que produzem coesão social e reconhecimento individual”. Desse modo, “asseguram e confortam, sendo dotadas de positividade que permite a aceitação e o endosso”. Elas “fundamentam-se em dados reais e objetivos, recolhendo traços, hábitos, maneiras de ser e acontecimentos do passado, tal como lugares e monumentos”.

Nesse contexto, abordaremos os aspectos centrais da monumentalização dos filhos ilustres na espacialidade urbana de Umbuzeiro, com enfoque para aqueles que pertencem à família Pessoa. Interrogaremos ainda, os espaços criados e os elementos a eles agregados (objetos, fotografias, hinos e a bandeira municipal), buscando entender como se deu a formação dessa toponímia, bem como avaliar a ocorrência de um sentimento de pertença e identidade cidadina.

1.1- O berço dos filhos ilustres e a instituição de espaços de memória

[...] a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem, às vezes se opondo, às vezes excitando-se mutuamente. Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. [...] E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço.

Gaston Bachelard

Ao tratar das relações existentes entre o universo imaginário e poético, Gaston Bachelard (2008, p. 24) analisa as imagens e a simbologia do espaço da casa. Em sua concepção, “a casa é o nosso canto do mundo”, “o nosso primeiro universo”. Isso porque ela é o nosso ponto de referência no mundo. E, como signo de habitação e proteção, ela é o berço do homem. Possui uma dimensão muito mais ampla do que se pensa, pois ela agrega os pensamentos, as lembranças e os sonhos. Nesse sentido, é possível afirmar que o homem está encarnado em seu espaço como se fosse parte integrante do mesmo. A casa assume o importante papel de servir de “lugar de memória”, uma vez que ela guarda as lembranças, conservando-lhe valores e imagens.

Tomando por base tais reflexões, não é difícil entender as proporções sentimentais e simbólicas que a casa da família Pessoa incorporou ao longo do tempo até ser transformada em museu. Este berço apareceu por algumas vezes nas publicações hemerográficas sempre quando se remetia ao nome de algum personagem que ali nasceu ou passou a infância. A exemplo de Dias Fernandes (LEWIN, 1993, p. 146) que menciona a casa da Fazenda Prosperidade como o ambiente onde Eptácio passou a infância e que havia sido construída por seu pai em 1868.

IMAGEM 02 - CASA DA FAMÍLIA PESSOA



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2013.

A casa amarelinha ainda mantém as características rurais próprias de sua época. É constituída por um alpendre em forma de “L”, forrada em telha e dividida em duas salas, três quartos, uma cozinha e um banheiro. Ela abrigou uma numerosa prole por mais de um século e, pelo menos, três gerações da família Pessoa residiram nela. Foi neste berço, por exemplo, que ecoou o primeiro choro de João Pessoa. Assim, após sua morte em 1930, a casa se tornou o marco referencial do seu nascimento em Umbuzeiro, foi consagrada como o berço da família Pessoa.

Em 24 de janeiro de 1978, foi comemorado o centenário do aniversário natalício de João Pessoa em Umbuzeiro. Ocasão em que a “cidade mãe” celebrou o nascimento de seu egrégio filho, fazendo-o com muita pompa. Várias comemorações somaram-se para abrilhantar o evento: missa, desfile cívico estudantil, apresentação de coral e banda de música, além de numerosos discursos e inauguração de alguns melhoramentos urbanos na cidade.

Na varanda do berço dos Pessoa foi estendida a bandeira da Paraíba e proferidos inflamados discursos, em memória do homenageado. Sua filha, a senhora

Isa Pessoa Gurgel Valente, fez a aposição da placa comemorativa do centenário, seguida do discurso do governador da Paraíba, que abriu oficialmente as comemorações em todo o estado. Para o jornal A União, ali aconteceu o momento “mais sentimental do programa, envolvendo os discursos mais inflamados e emotivos” (25 jan. 1978, p. 8). Isso porque naquele instante emblemático, diante do “berço esplêndido”, a imagem de João Pessoa como um herói paraibano ganharia novos contornos e cores, e seria extensamente reforçada.

Naquela ocasião, a casa foi instituída e oficializada como um “lugar de memória”, não só de João Pessoa, mas de toda a sua genealogia. Também se tornou uma espécie de certidão de nascimento para o homenageado, a certidão de “nascido em Umbuzeiro”. É o que revela a placa que guarnece a parede de entrada, e contém a seguinte inscrição: “Nesta casa nasceu em 24-01-1878 o Dr. João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do estado da Paraíba e mártir da revolução de 1930”.

Desde então, a simbologia da casa ganhou nova roupagem. Quem chegasse para visitá-la, antes mesmo de adentrar, já era informado pela placa de que aquela não era uma residência comum. Era um espaço dotado de importância sentimental e memorialística, não só para aquela pequena cidade, mas também para toda a Paraíba. Por isso, naquele dia foi transformada em museu. Não um museu no sentido e dimensão atual, dotado de “potencialidades educativas” (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2008), com um amplo significado e que interage com o visitante. Mas sim, na acepção de espaço que serve de depósito de memórias intocáveis e eternas. Aquele berço guardava em sua materialidade espacial a memória dos Pessoa e, dessa forma, era também registro de um passado fundante da história de Umbuzeiro. E a partir de então, se transformou no “Museu casa de João Pessoa”.

Em seu interior os visitantes puderam observar quadros, fotografias, pertences da família e alguns objetos pessoais de João Pessoa, como uma efígie, a bengala e a máscara mortuária feita em Recife, poucos minutos após sua morte. Esta última certamente era a peça mais simbólica naquela visita. Confeccionada no exato momento em se tem um último registro do rosto do falecido, “a máscara mortuária constitui uma homenagem póstuma, cujo sentido consiste em reter o derradeiro

momento do sujeito – limiar entre a vida e a morte, divisa entre dois tempos: o da vida na terra e o da eternidade” (ABREU, 1996, p. 68).

IMAGEM 03 - INTERIOR DO MUSEU “CASA ONDE NASCEU JOÃO PESSOA”



Fonte: Acervo da família Pessoa. 1978.

O espaço íntimo da casa se transformou num ambiente de lembranças compartilhadas em favor da memória dos Pessoa e acessível a todos que quisessem visitá-la. Desde aquele dia, se transformou também num espaço turístico da cidade. Assim, ante sua transformação em “lugar de memória”, a casa foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estado da Paraíba – IPHAEP, como sendo a “Casa onde nasceu João Pessoa”³. Reconhecida como merecedora de preservação, agora aquela morada parecia estar protegida dos abalos do esquecimento.

Dando seguimento aos eventos do centenário de nascimento de João Pessoa, após a celebração na casa, foram estabelecidos novos espaços de memória e elementos simbólicos em prol dos Pessoa. Desse modo, foi inaugurada a Escola “Maria Pessoa Cavalcanti”, nome da mãe de João Pessoa e irmã de Epitácio Pessoa. Bem como, a assinatura do decreto de criação da Escola Estadual de 2º Grau “Presidente João Pessoa”.

IMAGEM 04 - VISTA ATUAL DA ESCOLA “MARIA PESSOA CAVALCANTI” E ESCOLA ESTADUAL “PRESIDENTE JOÃO PESSOA”

³ O processo de tombamento ocorreu por meio do Decreto nº 23.311 de 23 de agosto de 2002, publicado no Diário Oficial do Estado, em 24 de agosto de 2002.



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2014.

A institucionalização destes espaços do saber, que também exercem a função de espaço de memória, é bastante relevante tomando-se em consideração a importância da formação que se propõe na escola. Sua função social pode ser apreendida por vários ângulos: instituição onde os processos de aprendizagem são desenvolvidos, espaço de sociabilidades e organismo cultural. Assim, seria a partir do seu primeiro contato com a escola que as crianças aprenderiam também quem eram aqueles personagens que emprestavam o nome àquela instituição. Atos cotidianos como escrever o nome da escola no cabeçalho das atividades, tornaram-se natural aos alunos. Essa repetição diária fez-se concreta e imutável para os pequenos umbuzeirenses pois desde as primeiras letras, conheciam e aprendiam a venerar os “heróis locais”, os filhos ilustres de Umbuzeiro.

Nesse sentido, cabe-nos avaliar ainda dois símbolos de caráter municipal que foram instituídos naquele dia e que somaram-se na monumentalização dos filhos ilustres. A saber, o hino e a bandeira de Umbuzeiro, oficializados através de lei municipal, aprovada pela então prefeita Terezinha Pessoa, e certamente, encomendados por ela. Ambos são portadores de elementos que representam um significado histórico bastante peculiar para a cidade. A bandeira foi idealizada por João Pessoa Neto e exibe as mesmas cores da bandeira paraibana e a palavra “Nego”⁴. No caso desta, o preto denota o luto pela morte do ex-presidente, o vermelho simboliza seu sangue e a palavra “Nego” se refere ao momento em que João Pessoa negou apoio à candidatura de Júlio Prestes. No escudo do pavilhão municipal vê-se

⁴ A referida bandeira rubro-negra foi instituída por meio da Lei Estadual nº 704 de 1930, e oficializada em 26 de julho de 1965. A respeito dos conflitos de memória em torno do processo de institucionalização da atual bandeira paraibana, veja-se AIRES (2006, p. 37 - 51).

os principais produtos agrícolas e um touro da raça Gir, representando o rebanho criado no município, o céu azul, as estrelas e o Cruzeiro do Sul. Contudo, representa um tributo ao nobre filho da terra, mais um ato de consagração à sua memória.

IMAGEM 05 - BANDEIRA DO MUNICÍPIO DE UMBUZEIRO E DO ESTADO DA PARAÍBA⁵



Tal memória é também evidenciada através da letra do hino municipal, onde seu compositor Ivandro Souto, com saudosismo de um passado construído por glórias vivido pela cidade, consagrou os nomes de alguns filhos ilustres, apontando para suas respectivas imortalidades. Segundo uma de suas estrofes:

No seu céu para sempre ecoará
Um hino de fé, imortal, imortal.
Relembrando Epitácio Pessoa,
João Pessoa, e Chateaubriand,
Esse trio ideal.
Os seus nomes são a glória
de Umbuzeiro, sua terra natal.

Posteriormente, o dia 26 de julho, data em que João Pessoa morreu, entraria para o calendário dos feriados municipais da cidade. Antes mesmo de sua oficialização pela Lei Municipal nº 25 de 12 de dezembro de 1984, a data já havia sido integrada ao conjunto celebrativo dos umbuzeirenses. Deste modo, tratava-se da implantação de mais um recurso contributivo para a formação da identidade daquela urbe, que foi pautada vagarosamente sob o signo da figura de seus filhos ilustres.

Ante estes aspectos, é evidente que a instituição escolar serve bem as aspirações de mais um espaço de memória aos Pessoa na cidade. O seu currículo foi moldado para atingir tais objetivos, servindo como instrumento de legitimação dessa

⁵ Disponível em: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bandeira_umbuzeiro.JPG e http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bandeira_da_Para%C3%ADba.svg?uselang=pt-br
Acesso: 22 mar. 2014.

memória histórica. Foi nas escolas que, por muitos anos, ensinou-se aos estudantes o significado destes símbolos, cantados e venerados constantemente. Por exemplo, cantava-se o hino a João Pessoa todos os dias, religiosamente.

Nesse sentido, para além de ensinar e formar identidades, elas também reproduzem práticas simbólicas, reafirmando a ideologia dos grupos dominantes. Portanto, instituir espaços do saber como lugares de memória e neles implantar códigos e posturas corroboram no sentido de dar civilidade aos ideais políticos que se pretender manter. Às escolas Maria Pessoa, João Pessoa e Cel. Antônio Pessoa somaram-se outras construídas pelos arredores do município, e todas com o mesmo elemento em comum, o sobrenome Pessoa⁶.

1.2- Epitácio, Antônio e João Pessoa: pioneiros na espacialidade citadina

A nomeação inaugural da toponímia urbana com o sobrenome dos Pessoa em Umbuzeiro, ocorreu em 1909 com o primeiro trecho calçado na cidade, denominado de Rua Epitácio Pessoa. Assim, a pequena povoação urbana, recém-emancipada da Vila do Ingá, deu o nome à sua principal rua, aquele que foi o responsável por redigir o decreto de sua emancipação. O que num primeiro momento parecia um ato de reconhecimento, na verdade, era apenas o início de uma prática familiar que se estabeleceu e se estendeu ao longo dos anos, perdurando cerca de um século.

IMAGEM 06 – PLACA E RUA DR. EPITÁCIO PESSOA



⁶ Na cidade foi construída a Escola Municipal Gilberto Pessoa (neto do Cel. Antônio Pessoa e irmão de Carlos Pessoa Filho), teve existência transitória e foi posteriormente reconstruída no Sítio Mundo Novo. Fora da cidade, nas demais áreas do município, foi criada a Escola Epitácio Pessoa no Sítio Barros (local de seu nascimento), que já não existe devido ao deslocamento dos moradores para as áreas urbanizadas. No Distrito de Matinadas, funciona a Escola Carlos Pessoa. Sem enumerar as escolas dos municípios vizinhos que pertenceram a Umbuzeiro (Aroeiras, Natuba e Santa Cecília).



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2014.

Além da nomeação desta rua, outros símbolos e espaços de memória seriam instituídos com o seu nome. Pouco tempo após esse primeiro ato, o seu irmão, o coronel Antônio Pessoa, durante sua atuação política em Umbuzeiro e buscando incentivar a cultura local, fundou a banda musical que recebeu o nome de “Nucleo Litterario Recreativo Musical Epitacio Pessôa”⁷.

Certamente, Epitácio Pessoa foi um dos filhos mais ilustres de Umbuzeiro. Para muitos cidadãos ainda é motivo de orgulho ver seu nome gravado pelos espaços da cidade. Após sua morte, em 1942 foi criado um importante recinto cultural batizado de “Biblioteca Municipal Presidente Epitácio Pessoa”. No contexto da época onde possuir livros era sinônimo de *status* e riqueza, esse espaço ajudou bastante na instrução daqueles que não podiam comprá-los.

IMAGEM 07—BIBLIOTECA MUNICIPAL PRESIDENTE EPITÁCIO PESSOA



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2014.

⁷ Encontram-se notas sobre a existência do Nucleo Litterario Recreativo Musical Epitacio Pessôa, fundado em 1908 e composto por 19 sócios no *Anuario Estatistico do Estado da Parahyba* de 1932, nas páginas 166 e 167. Disponível em <https://archive.org/> Acesso: 06 set. 2013. Igualmente, verifica-se a ocorrência desta mesma informação no segundo volume do livro *A Parahyba*, de 1909, de João Lyra Tavares, nas páginas 745 e 746.

Na revista carioca *Vida Doméstica* (nov. 1944, p. 130), de circulação mensal e distribuída em todo o Brasil, encontramos notícia dessa biblioteca, juntamente com outros aspectos da cidade. A matéria comentava que a Biblioteca havia sido “organizada recentemente contando com mais de 1.500 volumes iniciais”. Bem como, consta uma fotografia em que aparece ao fundo o quadro de Epitácio em seu interior.

IMAGEM 08 — QUADRO DE EPITÁCIO PESSOA NA BIBLIOTECA



Fonte: Foto 1 — Revista *Vida Doméstica*, Nov.1944, p. 130.

Foto 2 — Acervo pessoal da autora. 2014.

O quadro que se vê em ambas fotografias acima, foi colocado na ocasião em que a biblioteca foi inaugurada e encontra-se no mesmo lugar até hoje. A figura de Epitácio neste espaço sugere sua constante presença. Por outro lado, a associação que se faz entre o prédio e o personagem que lhe emprestou o nome, é bastante significativa naquilo que se quer deixar guardado sobre sua memória: um homem culto e inteligente. Sua imagem na biblioteca condiz com essa pretensão.

A despeito da morte de Epitácio Pessoa, cabe indicar que esta foi largamente lembrada em seu torrão natal, com missas, sessões especiais com palestras e diversas cerimônias. No primeiro ano de seu falecimento e no centenário de seu nascimento em 23 de maio de 1965, Umbuzeiro repetiu religiosamente várias solenidades em sua memória. Nessa ocasião, foi instalado na cidade o primeiro sistema de abastecimento de água. E então mais uma vez o nome do ilustre filho foi lembrado.

Além destas obras, também foram elaborados símbolos memorialísticos, dois hinos de autorias diferentes, mas com igual teor. Exaltaram o menino pobre que

conseguiu superar as dificuldades da vida através de sua inteligência e se transformou num expressivo homem de prestígio. Anos mais tarde, em 2004, o ilustre umbuzeirense nomeou mais um espaço: o Fórum Presidente Epitácio Pessoa. O novo prédio do Fórum, o segundo na cidade, foi assim denominado por intermédio da Resolução nº 25/2004 do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba.

IMAGEM 09 — FÓRUM PRESIDENTE EPITÁCIO PESSOA



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2014.

A monumentalização de Epitácio no prédio do Fórum da cidade onde nasceu reforça bem a imagem que se quer preservar: a de um homem culto, um grande operador do direito, ou mesmo o maior jurista que a Paraíba já teve. Em Umbuzeiro, é assim que se pretende guardar seu nome e imortalizar sua memória.

Quanto ao seu irmão, Antônio Pessoa, ficou encarregado de homenageá-lo o seu filho, Carlos Pessoa. Desde então, todos os seus descendentes fizeram reverências desse tipo aos seus respectivos genitores e assim sucessivamente até a atual geração. Portanto, a nomeação da toponímia urbana, em sua maioria, seguiu o mesmo rito: era feita em homenagem a algum personagem renomado já falecido e sempre ocorria durante a gestão de familiares.

Assim, foi construído o Grupo Escolar Cel. Antônio Pessoa, criado pelo Decreto nº 1.316, de 30 de setembro de 1924, assinado por Sólon Barbosa de Lucena, seu primo⁸. Certamente, a construção do grupo teve a intervenção do filho do homenageado, Carlos Pessoa que atuou no executivo municipal, como Deputado

⁸ Consta no decreto o seguinte teor: “Art. 1º Fica, desde já, creado um grupo escolar na Villa de Umbuzeiro, ao qual ficam incorporadas as cadeiras do ensino público primario existentes na referida villa, a saber: do sexo masculino, do sexo feminino e misto”. (A UNIAO, 7 out. 1924, p. 2).

Estadual e depois como Deputado Federal pela Paraíba. Assim, com o apoio de um filho da terra, a cidade ganhou um suntuoso prédio escolar de belas estruturas arquitetônicas que foi inaugurado em 1924. Consoante os indícios, provavelmente no dia 31 de outubro, data do aniversário de morte do coronel.

Além da configuração desse espaço como um “lugar de memória”, em seu interior encontra-se outro símbolo que remete à lembrança do coronel Antônio Pessoa. Exposto na parede principal, de frente para quem entra no grupo, está fixada uma efígie de bronze esculpida em alto-relevo, assinada por Hugo Bertazzon e datada de 30 de janeiro de 1931⁹. Decerto trata-se de um mimo de alguém da família Pessoa que morava no Rio de Janeiro e lá encomendou a peça ao famoso escultor italiano.

IMAGEM 10 — BUSTO E GRUPO ESCOLAR CEL. ANTÔNIO PESSOA



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2014.

Completando a espacialidade memorialística do coronel, no seu aniversário natalício em 17 de março de 1939 foi inaugurado um busto em bronze, encomendado no Rio de Janeiro por Antônio Pessoa Filho e esculpido por um dos mais afamados escultores da época, o artista Humberto Cozzo. Assim, o Sr. Carlos Pessoa, o então prefeito e filho do coronel, inaugurou a praça e o busto de seu pai.

1.3-Na Estação Experimental também estanciam filhos ilustres

⁹ O artista italiano Hugo Bertazzon realizou retratos de figuras oficiais, tendo como expressão forte em seu trabalho as pesquisas sobre a figura humana. Aparece juntamente com Humberto Cozzo no rol dos escultores renomados do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/66504?mode=full>. Acesso: 10 ago. 2014.

Durante seu governo presidencial Epitácio Pessoa fundou em sua terra natal a “Estação de Monta de Umbuzeiro”, inaugurada em 14 de novembro de 1922¹⁰. Para dirigir o estabelecimento nomeou seu sobrinho, o engenheiro agrônomo Epitácio Pessoa Sobrinho. De acordo com a revista *Era Nova* (1923, p. 9): “Dentre os grandes melhoramentos com que o govêrno do dr. Epitácio Pessôa quiz dotar a Parahyba, destaca-se a Estação de Monta de Umbuzeiro”¹¹. Um benefício concedido pelo Presidente da República ao seu torrão natal e que promoveu expressivos benefícios aos seus conterrâneos.

Todavia, em 1931, na ocasião da solenidade em memória do aniversário de morte de João Pessoa, a Estação teve seu nome alterado para “Estação de Monta João Pessoa”, através do Decreto nº 20.187, de 07 de julho de 1931. Atualmente, devido às mudanças administrativas, foi estadualizada e passou a ser denominada de “Estação Experimental João Pessoa”.

Além da Estação representar mais um dos vários lugares de memória que foram espacializados por Umbuzeiro, a ela soma-se outro elemento simbólico representativo da monumentalização dos Pessoa. Trata-se do busto erguido como preito ao primeiro diretor da Estação, Epitácio Pessoa Sobrinho (filho de Antônio Pessoa, sobrinho de Epitácio e primo de João Pessoa).

IMAGEM 11 — ESTAÇÃO EXPERIMENTAL JOÃO PESSOA E BUSTO DE EPITÁCIO PESSOA SOBRINHO



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2013.

¹⁰ Criada pelo Decreto nº 14.711, de 5 de março de 1921

¹¹ Informações encontradas na Revista *Era Nova*, número 48 de 26 de julho de 1923, p. 9.

A existência desses símbolos (nome e busto) além de vários quadros e objetos dos Pessoa, fazem da Estação mais um espaço de memória. Destarte, em favor de sua preservação, em 07 de maio de 2002 foi tombada por meio do Decreto nº 23.011/2002. No tombamento incluiu a área total de 277 hectares, suas edificações e a espécie vegetal jurema branca, árvore centenária da Estação.

Ainda durante o aniversário de morte de João Pessoa em 1931, outro monumento relevante foi inaugurado em Umbuzeiro, a Praça e o Busto João Pessoa.

[...] quiz o povo de Umbuzeiro prestar ao seu grande conterrâneo desaparecido uma homenagem que ficasse perpetuada para sempre, erigindo nesta praça que hoje fora inaugurada com o nome de “Praça João Pessoa”, o monumento de mármore róseo que aqui vêdes e nelle collocando o busto em bronze do invicto presidente sacrificado, deu mostras do seu grande amor a sua memória. (A UNIÃO, 30 jul. 1931, p. 3).

Este discurso foi proferido por um dos membros da comissão central das homenagens. Neste trecho o orador enfatiza que aquela era uma homenagem do “povo” de Umbuzeiro que desejava perpetuar para sempre a memória de seu digníssimo conterrâneo. Pretendia-se deixar claro que a ereção daquele monumento evidenciava a vontade dos umbuzeirenses, e não um gesto interessado dos Pessoa¹². Assim, o busto era uma forma de elaborar e legitimar sua memória do homenageado e por extensão, a de sua genealogia naquela cidade.

IMAGEM 12 — BUSTO DE JOÃO PESSOA



¹² O monumento foi encomendado ao escultor Humberto Cozzo, no Rio de Janeiro, a pedido de Antônio Pessoa Filho, primo de João Pessoa.

Após um dia de muitos discursos e homenagens, por volta das 17:00 da tarde, mesma hora em que João Pessoa foi assassinado na Confeitaria Glória em Recife, os presentes executaram um ritual simbólico onde prostraram-se de joelhos, fizeram um minuto de silêncio e colocaram flores no pedestal do busto. Como bem observa Oliveira (1989, p. 174), “datas, heróis, monumentos, músicas e folclore se conjugam na montagem da memória nacional e, se esta tem consistência, produz-se um importante reforço à coesão social”. Sendo este o implícito interesse dos partícipes do evento. Este princípio é evidenciado no monumento pois, em sua coluna está gravada a seguinte frase: “O povo de Umbuzeiro, reconhecido, ao seu Grande e Generoso Conterrâneo. Symbolo de Justiça, de Intrepidez e de Civismo”.

Nestas palavras há a pretensão de mostrar que a elaboração do monumento não se tratava de uma obra impregnada de interesses particulares e políticos, mas sim de algo feito pelos cidadãos. Incutindo-se também a ideia de que se tratava de um preito de reconhecimento e gratidão. Aqui também ficaram sacralizadas algumas virtudes de João Pessoa: homem generoso, justo, intrépido e cívico. Era assim que ele perpassaria os tempos e chegar às novas gerações. Era com estas qualidades que seria eternizado em bronze, voltando a habitar para sempre a cidade onde nasceu.

1.4 Uma memória inscrita no espaço da fé

Hoje 17 de março de 1941, vai ter sua realização o que foi idealizado pelo inesquecível Coronel Antônio Pessoa. As solenidades deste dia representam uma verdadeira epopeia para o povo de Umbuzeiro. Os anais da história desta gloriosa gente jamais registrarão acontecimento maior. (UMBUZEIRENSE, 17 mar. 1941, p. 3)

Seguindo o percurso dos Pessoa nos espaços cidadãos, nos deparamos com sua presença também no principal espaço religioso da cidade. Desde sua idealização, construção e inauguração a Igreja Matriz contou com a ajuda desta genealogia. O Jornal Umbuzeirense, de tiragem única e produzido exclusivamente para o evento, demonstra bem essa atuação:

[...] era chefe deste Município, o Coronel Antonio Pessoa, quando do seu gênio admiravelmente progressista, nasceu o projeto de construção de uma nova Matriz, que bem traduzisse no futuro, o espírito profundamente católico, do povo de Umbuzeiro. Por alguns annos acalentou a vontade de realizar esse gigantesco projeto. Não lhe coube porem a gloria de corôar os seus desejos, porque muito cedo veio a morte, colher-lhe os passos. (UMBUZEIRENSE, 17 mar. 1941, p. 1)

O Cel. Antônio Pessoa iniciou a campanha para a construção de uma nova Igreja Matriz, pois a que havia sido fundada em fins do século XIX estava com a sua estrutura abalada, sendo inviável sua recuperação. O próprio Pessoa escolheu um ponto localizado numa suave colina, na área para onde a cidade crescia e local para o qual havia transferido o centro urbano em sua gestão municipal. Contudo, com o seu falecimento em 1916, o plano de edificação da nova igreja foi retomado por sua família, responsável pela maior parcela de doação. Assim, a inauguração da igreja ocorreu no dia 17 de março de 1941, uma data intencionalmente escolhida por se tratar do aniversário natalício do seu falecido idealizador, o Cel. Antônio Pessoa.

IMAGEM 13 - IGREJA MATRIZ DE UMBUZEIRO



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2014.

A Matriz sob invocação de Nossa Senhora do Livramento se transformou também num espaço de memória em favor desta genealogia, algo que pode ser observado em vários ambientes, a partir dos objetos que a guarnecem. Portanto, como principal financiadora, a família Pessoa doou os três altares principais, todos esculpidos em mármore de Carrara. No altar-mor consta a seguinte inscrição: “OFFERECIDO PELO DR. EPITACIO DA SILVA PESSÔA 1940”. No altar de São José, ao lado direito da Matriz, encontramos: “OFFERECIDO PELO DR. ANTONIO DA SILVA PESSÔA FILHO 1940”; e, por fim, no altar do lado

esquerdo, dedicado a Santo Antônio de Lisboa, temos: “OFFERECIDO POR D. MARGARIDA D’ASSUMPCÃO PESSÔA VIUVA DO CORONEL ANTONIO PESSÔA 1940”.

Além destes altares e das doações em dinheiro, foram doados pelos Pessoa a porta principal, oferecida por Jorge Pessoa, e o piso de mosaico, por Eptácio Pessoa Sobrinho, ambos filhos do coronel. A solenidade de inauguração encerrou-se dentro do Grupo Escolar já batizado com o nome do homenageado daquele dia, o Cel. Antônio Pessoa. Neste recinto, os escolares saudaram “**os maiores benfeitores da nossa matriz que foram os membros da família Pessoa**, em discurso inflamado falou o cônego Joao de Deus [...], o juiz dr. Josué Farias, [...] Padre Carlos Coêlho” (A IMPRENSA, 20 mar. 1941, p. 3, grifo nosso).

Desse modo, a benção da matriz na data do aniversário de morte do seu idealizador (17 de março), as honrarias que se fizeram em sua memória e os objetos e espaços gravados com o nome dos Pessoa demonstram claramente que o lugar da memória e culto da cidade fincou-se em monumentos de reverência, não apenas aos santos, mas à própria oligarquia local: a construtora e significadora de sua história oficial.

1.5 E outros espaços de memórias são construídos...

Poucos dias após este evento, mais precisamente em “26 de março de 1941”, (A NOITE, 27 mar. 1941, p. 4), a senhora Margarida da Assunção Pessoa, esposa do Cel. Antônio Pessoa, viria a falecer no Rio de Janeiro. Entretanto, ela que tanto havia ajudado nos trabalhos da igreja recebeu do filho, Carlos Pessoa, então prefeito de Umbuzeiro, o seu nome no primeiro posto de saúde da cidade, criado naquele mesmo ano. O posto foi batizado com o cognome “Sinhá Pessoa”, forma pela qual a matriarca da família era conhecida carinhosamente.

IMAGEM 14 — POSTO DE SAÚDE “SINHÁ PESSOA”



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2014.

Entre 1939 e 1941, o prefeito Carlos Pessoa homenageou seus genitores com uma praça e busto para o pai, e o Posto de Saúde para a mãe. Não é por acaso que o endereço desses dois espaços seja o da Avenida Dr. Carlos Pessoa, seu próprio nome. Isso ocorre porque anos mais tarde, seu filho, Carlos Pessoa Filho, repetia a mesma tradição de nomear os espaços urbanos com o nome de membros da família. No final desta avenida, há ainda a Travessa Dr. Carlos Pessoa, com uma praça e o busto de Carlos Pessoa Filho, inaugurado em 2004.

**IMAGEM 15 —
PRAÇA E BUSTO CARLOS PESSOA FILHO**



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2015.

Encerrando-se este nosso percurso pela criação dos espaços que levam o sobrenome Pessoa nos deparamos com uma homenagem destinada à mulher que havia criado tantos recintos e símbolos em memória de sua família. Fazendo jus ao título de “mãe”, recebido durante sua gestão municipal, o nome da ex-prefeita da cidade, Terezinha Pessoa, batizou a creche de Umbuzeiro¹³. Assim, seguindo a

¹³ Conforme o disposto na lembrança entregue na missa de 30º dia de falecimento de Terezinha Pessoa, em 22/10/2002, ela “foi adotada e estimada” pelo seu povo, “tornando-se uma

tradição de nomeação, o projeto foi concretizado em julho de 2006, após o término da gestão municipal de Carlos Pessoa Neto, filho da homenageada. Ainda naquele ano, a rodovia PB-102 (liga Umbuzeiro à BR-104, principal acesso para Campina Grande) recebeu seu nome, passando a ser designada de Rodovia Terezinha Lins Pessoa. A nomeação ocorreu por meio da Lei Estadual nº 8.032/2006, sancionada pelo então Governador Cássio Cunha Lima, aliado político dos Pessoa.

2. Algumas considerações

Embora caracterizados como gestos desinteressados e que almejavam tão somente prestar tributos, percebemos na espacialidade citadina que ao longo de um século, a família Pessoa e seus simpatizantes se empenharam em imortalizar alguns personagens e conquistar para si um lugar na memória local ou mesmo estadual. A diversidade desses espaços memorialísticos emaranhados pela urbe opera como pontos de memorização em favor da perenização e legitimação da memória dos daqueles personagens considerados filhos ilustres. Nesse sentido, “os lugares são soberanamente escolhidos, sua ordem oculta a arbitrariedade; e as imagens não são menos manipuladas que os lugares aos quais são destinados” (RICOEUR, 2007, p. 80).

Revelamos neste percurso que outros elementos: bandeiras, hinos, fotografias e objetos familiares foram agregados aos espaços de memória. Cabe salientar também que estes espaços seguiram uma lógica espacial projetada em relação ao planejamento do traçado urbano. Foram espaços selecionados e construídos nos pontos centrais e mais nobres da cidade, portanto não se localizam nos bairros periféricos. Mas isso não significa dizer que a população carente dos locais desprovidos de infraestrutura não tenha acesso à área central da cidade. Eles também são consumidores desses lugares pois fazem uso dos mesmos, circulam pelas ruas, estudam ou frequentam as praças.

mulher influente na política municipal e estadual”. Portanto, “sua administração valeu o título de ‘Mãe de Umbuzeiro’ e melhor prefeita do município”.

Em sua grande maioria, as nomeações eram destinadas às personalidades com passado de comando político e, por extensão, aos seus respectivos cônjuges ou genitores, como é o caso dos nomes de Maria e Sinhazinha Pessoa. Notamos ainda que todos que receberam o título de filhos ilustres são tidos como benfeitores de Umbuzeiro, pairando em todos os casos a pretensa ideia de gratidão por algum ato/gesto em benefício da cidade.

Por outro lado, partindo do pressuposto de que o devir pode diluir o significado dos tributos, percebemos que em Umbuzeiro essas nomeações vão sendo ressignificadas ao longo do tempo e que, para evitar que o sentido que moveu a nomeação se perca, foi imprescindível o acompanhamento permanente de outros processos simbólicos, incluindo hinos, imagens e monumentos que, aliados às festas cívicas e às práticas educacionais, formaram uma combinação perfeita de diferentes formas de reprodução da memória dos Pessoa, a qual acabou sendo incorporada ao cotidiano dos umbuzeirenses.

Ao analisarmos todos os espaços nomeados: prédios, bustos e símbolos institucionalizados que ainda existem na cidade, verificamos que os lapsos temporais são curtos e coincidem em sua maioria com os períodos em que algum membro da família ocupava o executivo municipal. Isso reforça nossa concepção de que a espacialidade memorialística do Pessoa tem ligação com sua atuação política. Faz parte de uma prática familiar disseminada ao longo dos anos, decorrente do lugar político-social ocupado, e corresponde à necessidade de manter um *status* político e simbólico em sua cidade natal. E, portanto, não é apenas uma forma de homenagem, tampouco um gesto desinteressado, uma vez que utilizou-se de vários elementos para construir a imagem desses heróis locais em benefício próprio.

Por outro lado, é interessante observar como todos estes “lugares de memória”, em consonância com os elementos que a eles se agregam, servem para sedimentar a memória de tais filhos ilustres. Assim, na medida que Umbuzeiro busca importância histórica através do nome destes personagens, se tornou igualmente o “berço dos filhos ilustres” ou a “terra dos Pessoa”. Portanto, todos estes componentes se conjugaram na montagem de uma memória em prol desta genealogia

Pessoa, a qual foi espacializada pelas ruas de Umbuzeiro, gerando determinada forma de organização do espaço social urbano que, por suas características peculiares, a qualificam e diferenciam historicamente de outras.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

AIRES, José Luciano de Queiroz. **Cenas de um espetáculo político**: poder, memória e comemorações na Paraíba (1935-1945). 2012. 394 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT, Circe (Org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 104-116.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BITTENCOURT, Circe. As tradições nacionais e o ritual das festas cívicas. In: PINSKY, Jaime (org). **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 1988.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2013.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Espaço e Poder**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Cidades, Rio de Janeiro, n. 23, p. 139-146, 1994.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KNAUSS, Paulo. **Imagens urbanas e poder simbólico**: esculturas e monumentos públicos nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói. 1998, 234 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LEWIN, Linda. **Política e Parentela na Paraíba**: um estudo de caso de oligarquia de base familiar. Trad. André Villalobos. Rio de Janeiro: Record, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **As festas que a República manda guardar**. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n.4, p. 172-189, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007a.

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. História, memória e centralidade urbana. In: **Revista Mosaico**. Goiás, v.1, n.1, p. 312, jan./jun., 2008. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/view/225/179> Acesso: 27 mar. 2013.

_____. **O Imaginário da Cidade**: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

PORTO, Antônio Rodrigues. **História da cidade de São Paulo através de suas ruas**. São Paulo: Carthago Editorial, 1996.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RIEGL, Alois. **El culto moderno a los monumentos**. 3a. Ed. Trad. Ana Pérez López. Madrid: La balsa de la Medusa, 2005.

SALES NETO. **Luís Natal ou Câmara Cascudo: de ator a autor da cidade do Natal**. Campina Grande, EDUFCG, 2013.

SILVA, Tatiane Vieira da. **A fabricação de uma cidade monumentalizada: memória, identidade e patrimônio em Umbuzeiro (PB)**. 2015. 255 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

FONTES HEMEROGRÁFICAS

- **A Imprensa** (1941) – João Pessoa.
- **A Noite** (1941) – Rio de Janeiro;
- **A União** (1930, 1931) – João Pessoa;
- **Revista Era Nova** (1921, 1923 e 1924) – Parahyba;
- **Umbuzeirense** (1941) – Umbuzeiro;